

Tormento diário para ir à escola

Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

Onde elas moram, a infraestrutura passa longe. São crianças que vivem na maior invasão do Distrito Federal e aprendem, desde cedo, que o improvisado é o jeito mais simples, embora menos eficaz, de remediar carências. Na falta de escolas, o paliativo ganha nome de transporte escolar. É nele que, diariamente, 2.863 alunos da pré-escola e do ensino fundamental enfrentam a superlotação no percurso entre a favela batizada de Estrutural e as escolas do Guará e do Cruzeiro.

Longas filas de espera e empurra-empurra dentro dos ônibus atormentam quem fica e quem vai. O adeus dos pais, no momento da despedida, é carregado de preocupação. A imagem vista por quem acena de fora do ônibus é de insegurança. Uma gente aflita acompanha com os olhos as crianças de pé se acotovelando por um espaço. Um cenário de negligência. "Esse é meu tormento de todo dia, que enfrento há dois anos", lamenta Denise Sousa, mãe de Andressa, 6 anos, aluna do Jardim de Infância I, do Cruzeiro.

Quem estuda no turno da manhã precisa acordar com o sol, se quiser viajar sentado. É preciso chegar cedo à fila que, dependendo da escola, começa a se formar antes das 6 horas. Nesses casos, a espera ultrapassa uma hora até que o ônibus siga rumo a seu destino. "Chego às 5h45 para marcar um lugar para minha filha. Às 6h30, ela vem com a mãe", conta Vicente de Paula, pai de Sheiliane Costa, estudante do Escola Classe 2 (EC 2), do Guará I.

CINTOS

Grças ao esforço do pai, Sheiliane é a primeira a entrar no ônibus. Atrás dela, 103 crianças, onde só deveriam estar 44. Essa seria a lotação ideal do ônibus, que diariamente transporta alunos da pré-escola e da 1ª e 2ª séries para o EC 2. Pelo Código de Trânsito, os ônibus escolares são obrigados a transportar alunos sentados e afivelados. "Todos os veículos escolares deveriam ter cinto de segurança", confirma Silvain Fonseca, chefe da

Divisão de Fiscalização de Trânsito, do Departamento de Trânsito (Detran/DF).

Um total de 47 ônibus transporta 2.863 alunos da Estrutural — o que, oficialmente, dá uma média de 61 estudantes por veículo. O número de ônibus foi calculado com base, somente, nos alunos da pré-escola e do ensino fundamental. O contrato para transportá-los está firmado com a Secretaria de Educação, que atribuiu aos alunos do ensino médio parte da responsabilidade pela superlotação. "Os estudantes do ensino médio também entram nos ônibus. E não podemos impedi-los de subir", justifica a professora Hêlvia Paranaçu, assessora do gabinete da secretaria.

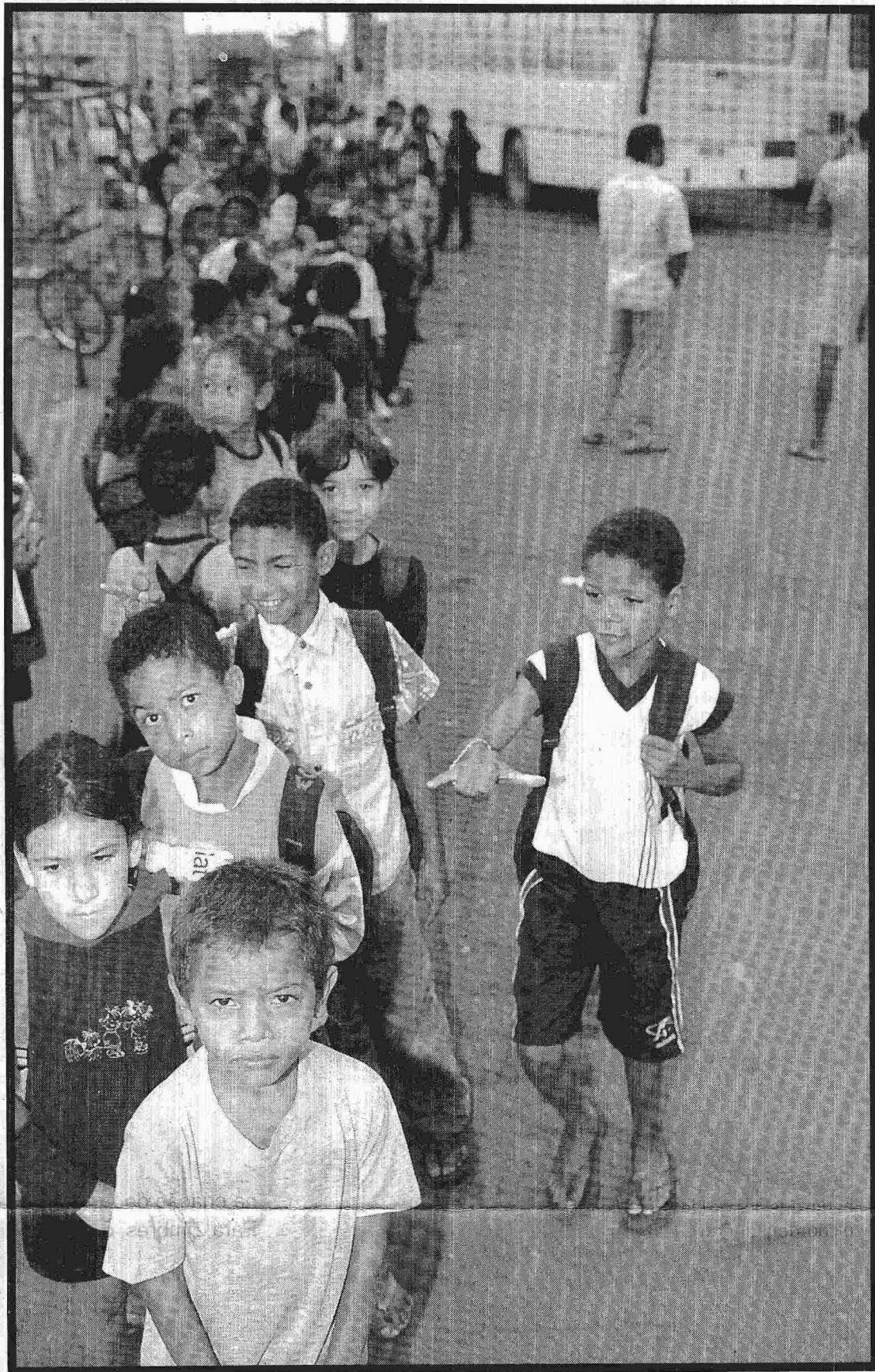
PROJETO

O problema também preocupa a Gerência Regional de Ensino (GRE), do Guará, que é alvo de reclamações insistentes dos pais de alunos. "Eu mesma repassei a angústia deles à Secretaria de Educação e já levei a reivindicação de aumentar o número de ônibus", reconhece Lucila Lima, gerente da GER, do Guará. A situação não atormenta Juarez Dias, motorista de transporte escolar há cinco anos. "Levar cinco alunos é a mesma coisa de levar todos esses", diz Juarez, fazendo referência às 104 crianças que desciam do ônibus naquele exato momento.

Quem organiza a descida do batalhão é Maria Francisca Pereira de Sousa, uma mãe de aluno. Ela assumiu o papel de anjo da guarda dentro do ônibus. A tarefa espontânea de organizar a fila acabou virando emprego. Para cuidar dos alunos, ganha um salário que supera R\$ 400,00. Oficialmente, é responsável por 60 crianças, mas acaba ajudando na segurança de todos (leia ao lado).

Para a Secretaria de Educação, a forma de resolver a superlotação é colocar novos veículos rodando. "No próximo dia 16, vamos abrir nova licitação para contratar mais ônibus. Iremos seguir a lei para que todas as crianças viagem sentadas e de cinto", garante Vandercy de Camargos, subsecretária de Suporte Educacional. Na licitação, estão previstos 75 ônibus.

Fotos: Lindauro Gomes



CRIANÇAS MADRUGAM PARA ENFRENTAR AS LONGAS FILAS DO ÔNIBUS ESCOLAR: SUPERLOTAÇÃO PREOCUPA OS PAIS

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

Supermãe acompanha crianças

Maria Francisca Pereira de Sousa, mãe de dois alunos que viajam diariamente nos ônibus superlotados, virou, há dois anos, uma espécie de "mãezona" de todos os estudantes que fazem o percurso entre a Estrutural e a Escola Classe 2 (EC 2), no Guará I. Assumiu o cargo de monitora de 60 crianças. Pela tarefa de cuidar delas, Francisca cobra R\$ 6, por mês, de cada mãe. "Mas cuido também de crianças especiais. Por essas, cobro R\$ 30", explica.

O trabalho surgiu por aca-



FRANCISCA CUIDA DOS ALUNOS: "É MUITA RESPONSABILIDADE"

so. "Quando trazia meus filhos, sempre organizava a fila. As mães viram aquilo e me escolheram como monitora", re-

corda. Ela é quem põe ordem no carro. Orienta subida e descida dos alunos, determina lugares nos assentos e dá autorização para o motorista partir. "É muita responsabilidade", reconhece.

Francisca garante que seu trabalho não se resume a esse trajeto. "Também cuido deles na escola", afirma. A monitora do ônibus é presidente da Associação de Pais e Mestres da EC 2. "Passo o dia na escola. Quando trago os da manhã, volto, em seguida, com os alunos da tarde. Não dá tempo nem de almoçar em casa", diz ela.

Serviu de exemplo. Com a licitação para contratar mais ônibus, a ideia da Secretaria de Educação é oficializar o trabalho de monitor, colocando um em cada veículo.